Quanto aos demais capítulos cremos ter o autor atingido seus objetivos, dando-nos idéia geral dos acontecimentos ligados ao desenvolvimento da classe militar e as implicações correspondentes à vida do Império e à queda do Imperador. Mostra-nos ainda a atuação de Deodoro no 15 de novembro e o seu govêrno provisório como Ditador Militar.

Consideramos um bom trabalho de síntese.

Boa bibliografia, embora insuficiente. Além de autores brasileiros, imprescindíveis para um estudo dessa natureza, traz o prof. Dr. Simmons algumas publicações norte americanas, em livros e periódicos, de grande importância.

JOSÉ SEBASTIÃO WITTER

* *

SILVA (Cyro). — Floriano Peixoto, o consolidador da República. São Paulo. Edaglit, 1963. 288 págs. — MIRANDA (Salm de). — Floriano. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército, 1963. 350 págs.

Nem o sr. Cyro Silva, nem o sr. General Salm de Miranda são florianistas apaixonados. São convictos, isto sim. E é preferível, lògicamente, que seus livros traduzam a isenção de ânimo, nem sempre fácil de encontrar-se quando se trata de personagens tão atuantes e tão marcantes na vida política do país, mas sem a qual se tornariam libelos suspeitos e quase sempre inúteis para um conhecimento objetivo de um dos períodos mais movimentados de nossa trajetória republicana. No caso de Floriano tal isenção não é fácil. Sua personalidade é por demais insinuante para que o leitor ou o observador possa ficar à margem de sua vida, sem participar dela e sem se deixar influenciar pelos rasgos de audácia, de heroismo, de bravura e, sobretudo, de independência que a caracterizam.

Já lembrava Alcindo Guanabara que raramente haverá um homem político de quem se tenha dito tanto bem e tanto mal; cujo caráter tenha provocado tantas e tão contraditórias opiniões; cuja personalidade e cuja ação tenham suscitado ao mesmo tempo tanto entusiasmo e tanto ódio. E isto basta, ainda na opinião do brilhante jornalista e propagandista da República, para significar que "êle não é um homem vulgar, e quem o conhecer poderá dizer até que é excepcionalmente raro, tão raro, que dificilmente se encontrará uma fórmula precisa para definí-lo".

Ao General Salm de Miranda pareceu — e com exatidão — que para bem estudar êste "gigante de energia e de lealdade" que foi Floriano, seria indispensável recapitular o quadro brasileiro do período histórico em que êle viveu e caracterizar a sua posição em cada um dos acontecimentos daquele período, "porque só com a lembrança presente do panorama de seu tempo e de como, na moldura dêsse quadro êle se movimentou, se poderia ter a noção precisa da grandeza de seu porte". Daí, sua biografia não ser "nem apologia que justifica erros, nem oposição que desconhece acertos", mas, antes, um estudo sôbre o tão conturbado período assinalado pelos últimos anos do segundo reinado e pelos primeiros anos da éra republicana. Período de tal ordem propício ao aparecimento de grandes líderes, como de fato apareceram, cada qual dentro de seus papéis, não sendo nada louvável a preocupação de muitos autores em contrapô-los, porque, na realidade, se

completam. Tanto mais naquele quadro agitado de um momento de transição da vida brasileira, em cujo centro Floriano atuou, e no qual são numerosos e difíceis os aspectos regionais das lutas partidárias mais ou menos acirradas, com desfechos por vêzes inexplicáveis.

A verdade é que "há mais de meio século — segundo lembra o sr. Cyro Silva — contempla-se essa figura singular, que foi o salvador para uns e o tirano para outros, mas que a distância do tempo propiciou a todos nova perspectiva para descortinar-se no horizonte límpido do civismo o perfil másculo de uma individualidade incomum na história pátria". E sòmente um conjunto de qualidades positivas poderia impulsionar êsse homem exemplar ao respeito que não lhe foi negado pelos seus mais ferrenhos adversários, a começar por aquêle que mais o atacou, o Padre João Manuel de Carvalho (e a quem não atacava o Padre João Manuel?) ou pelos seus maiores adversários políticos, como o próprio Rui Barbosa.

Estudando o "consolidador da República" desde sua infância no interior de Alagoas até sua morte na antiga estação de Divisa (hoje Floriano), no interior do Estado do Rio, as duas obras constituem subsídios apreciáveis para o estudo dos primeiros anos da República, especialmente para o conhecimento das crises que quase fizeram perecer o nôvo regime, salvo pràticamente pela ação enérgica do "Marechal de Ferro". Não fôsse êle um Floriano, e certamente não teria vencido a parada...

Informações, transcrições de documentos dão às duas obras, mais ainda à do General Miranda, o sentido de objetividade sem o qual tais livros se tornariam um panegírico a mais (e tantos recebeu Floriano), mas não nos adiantariam um passo para a revalorização de um período tão importante de nossa história e marcado por acontecimentos decisivos, como o golpe de estado e a renúncia de Deodoro, a revolta da armada e a revolução federalista. Aliás, a bibliografia florianista é vasta e foi valiosamente acrescida quando, por ocasião de seu centenário, determinou o Ministério da Educação a publicação da obra Floriano: memórias e documentos, infelizmente incompleta (nunca foi publicado o terceiro volume), mas que, mesmo assim, constitui excelente subsídio para a história do início da República.

Convém lembrar que o volume do sr. Cyro Silva pertence a uma coleção, Temas brasilciros, que encerra especial interêsse para o estudo do período republicano. Nela se encontram, entre outras obras, a História sincera da República de Leôncio Basbaum, a História das lutas sociais no Brasil, do lutador socialista Everardo Dias, há pouco falecido, o paníleto de Felício Buarque (Origens republicanas) escrito em resposta a O Imperador no exílio do Cende de Afonso Celso, e uma biografia de Quintino Bocaiuva, o "patriarca da República", também de autoria do sr. Cyro Silva.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS